

O MOMENTO DO TEATRO DE GRUPO E O MOVIMENTO TODO TEATRO É POLÍTICO (2009 -), DE FORTALEZA-CEARÁ: ALÉM DO ESPETÁCULO, A BUSCA POR POLÍTICAS

Gyl Giffony Araújo Moura¹

Melissa Lima Caminha²

Resumo: Dar a conhecer e interpretar o atual cenário do teatro cearense como um espaço de luta política para a construção de pensamentos e atividades públicas que garantam melhores condições de produção artística, inserção e ressonância social é o objetivo deste artigo. Realizamos ainda uma breve abordagem sobre a história do teatro cearense com ênfase em seu desenvolvimento nos últimos 15 anos, ao destacar o papel de grupos e coletivos teatrais, tanto para o desenvolvimento do teatro local como em sua conquistada participação (CARVALHO, 2009) na formulação de políticas culturais, através do *Movimento Todo Teatro é Político*.

Palavras-chave: Políticas culturais. Teatro de grupo. *Movimento Todo Teatro é Político*. Ceará.

A partir da última década do século XX, ações como os *Movimentos Arte Contra a Barbárie*, 27 de Março e *Trabalhadores da Cultura* (SP); a *Rede Brasileira de Teatro de Rua*, com núcleos estaduais distribuídos por todo país; o *Redemoinho – Encontro Brasileiro de Espaços de Criação, Compartilhamento e Pesquisa Teatral*, iniciativa do Grupo Galpão (MG), já extinto, mas que deixou sementes regionais; *Movimento Nova Cena* (MG); *Movimento de Teatro de Grupo* (PR); *Conexão Nordeste de Teatro*, *Todo Teatro é Político* e *Guerrilha do Ato Dramático Caririense* (CE), entre outras, vem chamando atenção para a afinidade entre a cultura do teatro de grupo e as manifestações sócio-artísticas por políticas públicas de cultura no Brasil.

A referência ao teatro de grupo sugere agrupamentos de artistas, técnicos e pesquisadores que processam um modelo alternativo de produção teatral, pautado em trabalhos continuados, com gestão autônoma e sustentável, pesquisa de linguagem, investigação do exercício atorial e outros caminhos inversos a produções relacionadas ao mercado do entretenimento. Já o *Movimento Todo Teatro é Político* constitui-se em

¹ Ator. Mestrando em Memória Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS/UNIRIO). gyl_giffony@yahoo.com.br

² Atriz. Doutoranda em “Artes y Educación”, pela Universidad de Barcelona - Departamento de Dibujo, Facultad de Bellas Artes, em Barcelona, Espanha. melcaminha@gmail.com

uma organização artístico-cultural não-formalizada, composta por grupos e artistas cearenses, surgida no dia 27 de março de 2009 em Fortaleza, com o objetivo primeiro de lutar por políticas públicas para o teatro nos níveis municipal, estadual e federal.

Neste texto, a ligação entre o teatro de grupo e o *Movimento Todo Teatro é Político* leva-nos a interpretar o atual cenário do teatro em Fortaleza como um espaço de luta para a construção de pensamentos e ações públicas que garantam melhores condições de produção artística e ressonância social da atividade. Concorde para nossas observações a percepção que o teatro realizado em Fortaleza encontra-se em momento de importante efervescência e em busca de bases firmes para o seu desenvolvimento. Os mundos de realizações e potencialidades que este instante local alberga serão nossos focos nas próximas linhas, que de uma análise micro pode ofertar leitura comparativa e contributiva a outras realidades espacialmente distribuídas em nosso país. O que o *locus* aqui apontado claramente reflete ao abordar uma forma de contato da sociedade civil com o Estado que busca alterar a formulação de políticas culturais pelas instituições públicas através de uma participação social conquistada (CARVALHO, 2009).

Para tanto, lançaremos um olhar atento também a experiências pretéritas do teatro no Ceará presentes na escrita historiográfica de Marcelo Costa (2007), compreendendo as atuais circunstâncias como decorrentes social e historicamente construídos.

1. Breve panorama: entre o presente, o passado e um sempre recomeço?

Marcelo Costa (2007), importante historiador do teatro realizado no Ceará, divide esta prática artística em quatro fases. A primeira tem como marco inaugural o surgimento de edifícios teatrais onde majoritariamente apresentavam-se companhias de fora, seu período abrange os anos 1830 a 1910, com a inauguração de teatros como o Concórdia (Fortaleza-1830), o da Ribeiras do Icó (1860), o São João (Sobral-1880) e o José de Alencar (Fortaleza-1910). O autor atenta também para a existência de ações teatrais anteriormente a 1830, como em seus usos para a catequese de indígenas por padres jesuítas, apontando ainda a existência de dois grupos: o Clube de Diversões Artísticas (1897), criado por Papi Júnior, romancista e teatrólogo, e o Grêmio Taliense de Amadores (1898), que teve em seu corpo o escritor Álvaro Martins e os pintores Ramos Cotoco e Antônio Rodrigues.

Na segunda fase, de 1910 a 1949, Costa (2007, p. 34) enfatiza o “teatro do ponto, o teatro paroquial, o teatro de apresentação única, teatro de fim de semana, cenário pintado, padronizado”. Estas realizações destacaram-se ainda pelo forte poder de contato com a população da tradicional e moderna capital do estado. Cabe lembrar os feitos do Grêmio Dramático Familiar (1918-1930), liderado pelo dramaturgo Carlos Câmara, que literalmente parava a cidade em cada apresentação, chegando os bondes elétricos a serem recolhidos durante os espetáculos para após voltarem a funcionar e conduzir os espectadores até suas casas; o Majestic Palace cedia o espaço de exibição de filmes para a companhia cearense; os textos de Câmara chegaram ainda a salvar da falência algumas companhias que passavam pelo estado (COSTA, 2007). Junto ao Grêmio Dramático Familiar, destacam-se outros grupos da década de 1920: Recreio Iracema, Grêmio Pio X, Grêmio Dramático do Círculo São José e a Troupe Recreativa Cearense.

Outro emblema desta boa fase é o sucesso da opereta *Valsa Proibida*, de Silvano Serra e Paurillo Barroso, com várias montagens, a primeira em 1941, e a segunda em 1943, tendo a de 1965 levado cerca de 80.000 pessoas ao Theatro José de Alencar; e ainda a encenação da paixão de Cristo através da peça *O Mártir do Gólgota*, encenada pela primeira vez em 1933, sendo reiteradamente teatralizada desde então. Neste recorte temporal, há ainda a fundação do Teatro Universitário do Ceará, liderado por Waldemar Garcia, que inaugura o moderno teatro cearense em 1950 com *O Demônio e A Rosa*, de Eduardo Campos (COSTA, 2007).

A terceira fase, de 1949 a 1970, é marcada pelo surgimento de grupos de teatro e fortes lideranças: o Teatro-Escola do Ceará, de Nadir Sabóia, o Teatro Experimental de Arte, de Marcus Miranda, B. de Paiva, Hugo Bianchi e Haroldo Serra, a Comédia Cearense (1957, ainda em atuação), de Haroldo e Hiramisa Serra, entre outros. Costa (2007, p. 25) faz uma ressalva: “Não havia grupos de verdade. Os grupos se desfaziam com a mesma facilidade com que eram criados, o que fez o crítico Eusélio Oliveira considerar o teatro cearense um Cemitério de Siglas. Ou o Deserto Cultural, na expressão de um crítico teatral do sul”.

Datam desta época a criação do Curso de Arte Dramática (1960), primeiro curso técnico, continuado e específico para a área, e a construção do Teatro Universitário, ambos vinculados a Universidade Federal do Ceará, sob a coordenação inicial de B. de

Paiva; convênio entre a Comédia Cearense e o Governo do Estado, durante o mandato de Parsifal Barroso; e o surgimento da TV Ceará Canal 2 (1960), que, através de telenovelas e outros programas, ofertou maior popularidade a artistas que já haviam desenvolvendo trabalhos no teatro (COSTA, 2007).

Na quarta fase, de 1970 a 1995, aparece a criação da primeira entidade representativa do setor: a Federação Estadual de Teatro Amador – FESTA-CE, e a circulação de importantes espetáculos produzidos no Ceará, com participações em festivais e prêmios consideráveis³. Nesta secção, evidencia-se a criação do Troféu Carlos Câmara e Destaques do Ano do Teatro Cearense⁴, bem como a atuação dos grupos Cooperativa de Teatro e Artes, Independente de Teatro Amador – GRITA, Balaio, Comédia Cearense, Cancela, Pesquisa e a formulação do Teatro Radical, de Ricardo Guilherme, e grupos vinculados a instituições de ensino, como o Aprendizes de Dionisysos, da Escola Técnica Federal do Ceará, e o Mirante, da Universidade de Fortaleza. Há ainda a inauguração dos teatros do IBEU Centro e Aldeota, SESI, Emcetur – Carlos Câmara, Rachel de Queiroz (Crato), Arena Aldeota, entre outros (COSTA, 2007).

De 1995 até os dias que correm, Marcelo Costa considera atualidade, e, segundo ele, este período ainda não é história. É este o recorte temporal que queremos abordar a partir daqui. Observamos que de 1995 até hoje, o teatro cearense experimentou significativo desenvolvimento relacionado a muitos âmbitos e fatores, tais como: formação de artistas cênicos; eventos e mostras de teatro; construção de novos espaços e centros culturais; políticas públicas de cultura, através de ações dos governos e pontuais investimentos privados; surgimento de grupos teatrais e fortalecimento de alguns já existentes, que tiveram especial relevância tanto no trabalho de pesquisa continuado que contribuiu para um aprofundamento das estéticas veiculadas na cena do Ceará, bem como na possibilidade de politização acerca da função social do artista.

³ A Comédia Cearense levou por duas vezes o prêmio do júri oficial no Festival Nacional de Teatro de São José de Rio Preto (SP) com os espetáculos *O Simpático Jeremias* (1970) e *O Morro do Ouro* (1971), tendo este último sido contemplado pelos votos do júri popular. O Curso de Arte Dramática (CAD) com a montagem *Parentes Entre Parêntesis*, em 1972, conquistou o prêmio de júri popular no mesmo festival. A Comédia Cearense participou ainda do projeto Mambembão, projeto de difusão do teatro e da dança no Brasil, que teve três edições, em 1978, 1979 e 1980, realizado pelo governo federal. Ricardo Guilherme apresentou *Apareceu a Margarida* na França, Portugal, Alemanha, Itália, América Central e cidades brasileiras.

⁴ Premiações realizadas desde a década de 1986 pelo Grupo Balaio: o Troféu Carlos Câmara para indivíduos e instituições que prestaram importante contribuição ao teatro do Ceará; o Destaques as produções teatrais realizadas no ano anterior a cada edição.

Em relação à **formação**, o Ceará conta atualmente com quatro cursos superiores em Artes Cênicas e Teatro. No ano de 2002, foi realizada a primeira iniciativa neste sentido, o Curso Superior de Tecnologia em Artes Cênicas, do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET/CE)⁵. Atualmente, visando atender uma demanda de mão-de-obra e oportunidades de trabalho, o curso encaminha em seu programa além de disciplinas da área teatral, perspectivas pedagógicas, transformando-se em Licenciatura em Teatro, e vem desde 2008 capacitando as primeiras turmas de potenciais artistas e professores de teatro. Este curso também é responsável pelo incentivo e criação de diferentes grupos de pesquisa, somando-se a anteriores espaços de capacitação que tiveram fundamental importância no Ceará, tais como o Colégio de Direção Teatral, através do Instituto Dragão do Mar/Governo do Estado, o Curso de Arte Dramática, da Universidade Federal do Ceará, e o Curso Princípios Básicos de Teatro, do Theatro José de Alencar/Governo do Estado⁶.

Nos últimos três anos também foram criados: o curso superior de Teatro da Universidade Regional do Cariri (URCA); o curso de graduação em Belas Artes da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), com habilitação em Artes Cênicas e Artes Plásticas; e o curso de licenciatura em teatro da Universidade Federal do Ceará (UFC). Além dos programas de formação superior, existem cursos livres e técnicos, oficinas e programas de formação e capacitação na área teatral, oferecidos por coletivos teatrais, instituições e outros espaços de cultura.

Em relação aos **eventos teatrais**, destacamos o Festival Nordeste de Teatro de Guaramiranga; a Mostra SESC Cariri de Cultura; o Festival de Teatro de Fortaleza; o Festival de Teatro de Acopiara, com mostra competitiva somente para grupos do interior do Ceará, somando-se a uma mostra paralela, cortejos, oficinas e debates; o Festival de Esquetes de Fortaleza, que funciona como verdadeiro espaço de experimentação dos novos coletivos cearenses; o Festival de Esquetes da Cia. Teatral Acontece, que além de espetáculos, também oferece atividades de formação e capacitação profissional; o Festival de Esquetes Bilu & Bila; entre outros eventos,

⁵ Hoje o CEFET/CE transformou-se em Instituto Federal de Educação Científica e Tecnológica do Ceará (IFCE).

⁶ O Colégio de Direção Teatral (1996) promoveu formação a toda uma importante geração do teatro no Ceará. Através de recursos oriundos do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, o Governo Estadual contratou professores de destaque no eixo Rio-São Paulo para darem aulas e coordenarem o curso, como também investiu vultosos recursos nesta iniciativa.

festivais e mostras que são realizados todos os anos. A **circulação de espetáculos cearenses em seu próprio território e pelo país** tem destaque também, merecendo relevo em participações no Projeto Palco Giratório do Serviço Social do Comércio – SESC e importantes festivais e mostras brasileiras.

Outro fator que contribui para o desenvolvimento do teatro no Estado é a **emergência e dinamização de novos espaços e centros culturais**, mesmo com o fechamento de outras. Algumas casas de cultura surgidas de 1995 a 2011 são: Banco do Nordeste do Brasil (BNB), através de seus Centros Culturais; Centro Cultural Dragão do Mar; Centro Cultural Bom Jardim; o Centro Urbano de Cultura e Arte – CUCA Che Guevara; SESC Emiliano Queiroz; SESC Senac Iracema; Teatro da Praia; Teatro do Via Sul Shopping, entre outros.

O **desenvolvimento de políticas públicas** é outro ponto importante desta efervescência da cena fortalezense. Como exemplo das ações dos governos federal, estadual e municipal, merece destaque o trânsito do fomento à cultura que se dava prioritariamente através de uma política dirigista, personalista e “de balcão”, para concorrências públicas, através de editais e leis de incentivo e renúncia fiscal. Editais públicos para montagem, circulação de espetáculos, manutenção de grupos, doação de equipamentos técnicos, intercâmbio e formação merecem relevância por estarem possibilitando além da profissionalização dos agentes, maior inserção social dos conteúdos e práticas artísticas. As leis de incentivo e renúncia fiscal aparecem em reduzida escala de aplicação, tendo como principal motivo a dificuldade na captação dos recursos. Apesar da ampliação das políticas públicas no Ceará nos últimos anos, ainda são muitos os problemas enfrentados. O descaso com os equipamentos culturais é uma cicatriz perdurável, muitos são os teatros fechados, abandonados e transmutados, sobram reivindicações e promessas de revitalização dos Teatros São José e Carlos Câmara.

Neste cenário desponta **a criação e o desenvolvimento de diversos grupos e coletivos de teatro**, com especial destaque para os grupos emergentes dos cursos de formação anteriormente referidos. O fortalecimento da cultura do teatro de grupo no Ceará, como prática de atuação e pesquisa artística colaborativa e continuada, conjuntamente a todo o panorama anteriormente apresentado, vem constituindo um importante momento de busca e ativação para possibilidades de maior participação e

reflexão de artistas e técnicos teatrais acerca das políticas culturais. Os diálogos entre os coletivos tornaram-se mais fluidos por meio da percepção de características de trabalho e pensamentos sociopolíticos comuns, além do desejo de expansão de suas atividades.

Ao tratar da cena cearense, Costa (2007) refere-se a um teatro sempre em recomeço, afirmativa que ele depõe ao verificar o desconhecimento da história do teatro realizado no Ceará pelos agentes nele envolvidos, bem como a reincidência de fatos, problemáticas e reivindicações. Assevera que

Temos o teatro que é possível ter. Ou o que nos deixaram ter. Um teatro de adolescentes-estudantes-classe média, alguns física e moralmente feios. Não há mercado de trabalho. Não há lugar para estrelismos. Carregamos preconceitos e estigmas. (...) A conquista do público deveria ser o grande objetivo. Parece que o teatro é feito para ele (COSTA, 2007, p. 29).

Alguns aspectos são mesmo recorrentes ao analisarmos o breve panorama apresentado: despreocupação com a construção de uma maior inserção social e de um mercado para o setor; os espaços de formação profissional são recentes e tardios, somente há pouco tempo adquirimos a “estabilidade” de cursos superiores em instituições educacionais; pouca atenção a ações que possam dar maior enfoque à sustentabilidade do teatro enquanto espaço físico; falta de meios de integração entre capital e interior; inércia do jornalismo cultural; o relevo de lideranças; descrença e esvaziamento das entidades de representação dos interesses da sociedade teatral; entre outros.

Costa (2007) fala-nos da conquista do público como o grande desafio do teatro cearense. Gostaríamos de propor aqui uma relação com o público que não se dê apenas no recorte de espectadores de um espetáculo teatral, mas no público como uma esfera do comum a todos e todas. A busca por um teatro não mais bela arte, distante e distinta, mas uma prática teatral que se configure como cultura, atenta a seu contexto e presente no cotidiano dos diferentes segmentos sociais; este parece ser um objetivo maior. Quanto ao sempre recomeço, pensamos que ele exista como ciclos históricos, mas dentro de um princípio de repetições com diferenças. Acreditamos viver no teatro do Ceará mais um forte momento de mobilização, compreensão da força da unidade, conjugação não mais de grupos de teatro sob siglas mortas, mas um momento de teatro de grupo e mobilizações que reconhecem a vital necessidade da continuidade.

2. Teatro de Grupo e o Movimento Todo Teatro é Político⁷: atuais demandas na cena cearense

Após algumas reuniões entre artistas insatisfeitos com os rumos do teatro no Ceará, principalmente em sua relação com instituições, e inspirados na trajetória de luta trilhada em outros importantes movimentos, como o *Conexão Nordeste de Teatro – CONTE*⁸, o *Movimento Arte Contra a Barbárie* e as *Cooperativas Paulista*⁹ e *Baiana*¹⁰ de Teatro, o *Movimento Todo Teatro é Político* surgiu oficialmente em 27 de março de 2009, dia mundial do teatro.

O *Movimento*, que inicialmente pensava a implementação de uma cooperativa, apresenta-se como fórum de discussão e ação, e adota as seguintes reivindicações: Valorização do Teatro de Grupo e de Pesquisa; Políticas Públicas Específicas para o Teatro; Popularização e Acessibilidade do Teatro; Criação da Lei de Fomento ao Teatro Cearense¹¹.

O primeiro ponto de reivindicação diz respeito à **valorização do teatro de grupo e de pesquisa**. E para compreender melhor essa demanda por parte dos artistas, faz-se necessária uma breve incursão ao conceito de “teatro de grupo”. O “teatro de grupo” consiste em um movimento que vem se desenvolvendo na América Latina a partir dos anos 80, como uma resposta ao contexto sociopolítico da época, bem como sob influência de Eugênio Barba.

⁷ O nome do Movimento faz referência a afirmativa do teatrólogo Augusto Boal, criador da estética do Teatro do Oprimido.

⁸ O Todo Teatro é Político é um decorrente de pessoas, ações e pensamentos que integraram o Conexão Nordeste de Teatro - CONTE, movimento originado em 2004, durante a Mostra SESC Cariri das Artes, cujo intuito era integrar artistas e promover uma circulação de espetáculos pela região. Em sua atuação o CONTE teve importantes momentos: um encontro em Salvador, lançamento e vários encontros em Fortaleza, duas mostras de teatro em Sobral e Maracanaú, entre outras atividades.

⁹ O Movimento Arte Contra a Barbárie (1998), articulado pelos grupos teatrais do Estado de São Paulo, serviu de forte inspiração para o Movimento cearense. São exemplares na luta do Movimento paulista o enfrentamento ferrenho conta a mercantilização da cultura e a função social da arte, bem como a criação e aprovação da lei que estabelece o Programa de Fomento ao Teatro Para a Cidade de São Paulo (2002). Sobre a Cooperativa Paulista de Teatro, acessar: <http://www.cooperativadeteatro.com.br/2010/>

¹⁰ Ver: <http://coopbaianadeteatro.blogspot.com/>

¹¹ Jornal do Movimento Todo Teatro é Político: <http://www.youblisher.com/p/63553-Jornal-do-Movimento-Todo-Teatro-e-Politico-N-1-out-2010/>

Página web do Movimento Todo Teatro é Político – Pró-Cooperativa Cearense de Teatro: <http://movimentocoopce.blogspot.com/>

Influenciado pelas vanguardas do teatro europeu do século XX, Barba (1994; 2000; 2006) inicia a edificação de um teatro voltado à arte do ator e à organização de trabalho grupal. Um teatro situado às margens dos grandes pólos culturais e que está mais preocupado com a formação do ator. Um teatro que possa constituir-se como escola, através da qual o ator pode vir a trabalhar questões relacionadas à identidade e aos encontros e trocas estabelecidos entre diferentes culturas. Um teatro pautado pela experimentação, pesquisa e conhecimento (OLIVEIRA, s/d),

Os grupos que se reconhecem como pertencentes ao Todo Teatro é Político, vem buscando formas de organização coletiva “independente” e autogestionada. Através de uma nova concepção de “grupalidade”, esses coletivos lutam para fazer um teatro que possa servir como alternativa ao teatro comercial, e que tenha mais autonomia frente à lógica do mercado. Os grupos do “teatro de grupo” primam pela pesquisa de linguagem, pela experimentação e desenvolvimento de uma poética própria, que possa identificar o coletivo. A horizontalidade orienta as distribuições das funções no grupo, que busca a igual valorização do trabalho de cada componente. Os projetos espetaculares, pedagógicos e sociais caminham lado a lado, e formam parte de sua subsistência, manutenção e continuidade. A sede passa a ser essencial para que o grupo possa desenvolver seus projetos, constituindo-se também como ponte às comunidades locais nas quais estão inseridas, e funcionando muitas vezes como pólo ou centro cultural comunitário de referência aos moradores e cidadãos. Aliada a valorização do teatro de grupo e de pesquisa, outra reivindicação do *Movimento* é a de **políticas públicas específicas para o teatro**.

Os editais, promovidos pelos nossos órgãos culturais, sejam nas esferas municipal, estadual e federal, não são produzidos de modo a pensar a sustentabilidade da atividade teatral, muito menos os artistas e coletivos de teatro, que exigem condições de continuidade de trabalho, a fim de profissionalizá-lo. Condições básicas como dispor de uma sede de trabalho, remunerar seus profissionais, produzir pesquisa, espetáculos e circular com eles. Há, sem dúvida, um descompasso entre desejo e realidade no teatro feito no Ceará atualmente. A mudança de políticas públicas, necessária, para ser de fato significativa, deve ser pensada em conjunto, poder público com a classe teatral organizada. (...) Editais, prêmios e outros mecanismos de incentivo e investimento cultural devem ser pautados pela visão do fomento à sustentabilidade da atividade

teatral, o que remodela tanto seu formato (que ainda enxerga o teatro como uma atividade esporádica, com começo e fim), seja os seus recursos, impraticáveis para um modelo de teatro continuado. (Jornal do Movimento, pgs. 2 e 3)

Outro ponto de reivindicação diz respeito à **popularização e acessibilidade do teatro** no Ceará. Tendo como principal eixo de ação a descentralização da cultura e do teatro, o *Movimento* propõe a ocupação de espaços ociosos e equipamentos culturais das cidades. Os grupos passariam a cumprir uma função essencial no desenvolvimento do teatro local, descentralizando o circuito cultural vigente e contribuindo para a *formação de platéia e formação da platéia*. A sede fixa também proporciona aos grupos e coletivos a estrutura adequada e necessária para o desenvolvimento de suas atividades produtivas, projetos espetaculares e pedagógicos, além da articulação política com diversos agentes sociais, entidades, associações e movimentos sociais.

Inspirado pelo *Movimento Arte Contra a Barbárie*, que resultou na criação da Lei de Fomento Paulista, o *Movimento Todo Teatro é Político* aponta a necessidade de uma **Lei de Fomento** que reconhece o papel do Estado como fomentador do interesse público; ratifica o teatro como cultura e direito; dinamiza a função social de agenciamento e emancipação cidadã através do teatro; garante a continuidade das ações culturais através de políticas públicas de Estado regulares; aumenta e enriquece a atividade teatral; constrói um público crítico; desenvolve e amadurece o surgimento de artistas, grupos e coletivos de teatro e espaços teatrais; possui uma lógica de permanência e enraizamento do fazer teatral e da relação teatro e sociedade; apóia e fomenta não somente eventos e obras isolados, mas processos continuados de investigação teatral; prevê os recursos a serem aplicados no Programa de Fomento, devendo o valor estar previsto anualmente no orçamento geral do ente federativo; estabelece que a comissão de seleção dos projetos seja composta de forma paritária entre poder público e sociedade civil; advoga uma organização própria da especificidade do exercício teatral, ao não adotar para a área cultural os modelos dirigistas de gestão e prestação de contas advindos do *marketing* empresarial.

Em sua curta trajetória, o *Todo Teatro é Político* já realizou seminários e encontros em vários equipamentos culturais da cidade de Fortaleza, como Theatro José de Alencar e nas unidades do SESC, bem como no Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga. Também foi responsável por audiências públicas que têm como foco de

debate o teatro, realizadas junto a Assembléia Legislativa do Ceará e a Câmara Municipal de Fortaleza. O *Movimento* também é responsável pela articulação com movimentos teatrais e culturais de todo o Brasil, além de estar marcando presença também na mídia, como os grandes jornais do Ceará, emissoras de rádio e internet.

Um ponto que ressaltamos na articulação política do movimento é a forma provocativa e carismática com que tem guiado suas manifestações em campanhas como *Luizianne, vá ao teatro!*, na qual os espetáculos em cartaz na cidade tinham uma cadeira na platéia reservada a atual prefeita de Fortaleza, visando chamar a atenção da gestora para o teatro; bem como o conseqüente *Festival Luizianne não foi ao teatro*, com apresentações em frente ao Paço Municipal.

Outra conquista diretamente vinculada ao *Movimento* é a realização dos últimos editais e ações do Estado e do Município, cada vez mais elaborados junto à classe artística, o que contribui para garantir as necessidades e recursos mínimos de realização e continuidade do fazer teatral no Estado. A retomada, em 2010, do Festival de Teatro de Fortaleza, realizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, é um bom exemplo disso, bem como o aumento das quantias destinadas ao setor.

Perceptível também é a pulverização das sedes dos coletivos teatrais pelo território de Fortaleza. É o caso da Companhia Pã, que constituiu sua sede no bairro Benfica; o grupo Expressões Humanas, que inaugurou seu espaço no centro; o grupo Pavilhão da Magnólia, com sede no bairro da Parangaba.

3. O Movimento hoje: conquistas, impasses e pautas de ação

Atualmente, o *Movimento Todo Teatro é Político* continua lutando, promovendo ações, articulações e reivindicações do setor artístico e da sociedade em geral. Revendo seu percurso, podemos notar também falhas e faltas em relação à articulação da sociedade teatral na luta pelo desenvolvimento do teatro local e regional.

A manutenção e continuidade de suas articulações, propostas e ações é uma questão importante. De fato, inconstantes e poucos são os grupos e artistas que vêm participando das últimas reuniões e seminários de interesse do segmento teatral, e os que estão presentes vêm encontrando dificuldades para cumprir com os objetivos e metas.

Outro ponto também é o mapeamento e reconhecimento de artistas, grupos, associações, entidades e movimentos que estão em ação em todo o Estado. Apesar de algum diálogo já iniciado com grupos e associações do interior do Ceará, como o caso da *Guerrilha do Ato Dramático Caririense*, além dos grupos que vêm se articulando no Vale do Jaguaribe e na região do Icó. Há, no entanto, muitas articulações a serem trabalhadas e muitos outros grupos, entidades e movimentos a serem conhecidos. Como foi apontado em reunião, é imperiosa a necessidade de “conhecer-nos uns aos outros”, para que o *Movimento Todo Teatro é Político* venha de fato ter uma eficácia politicamente legítima a longo prazo.

Pensar o *Movimento Todo Teatro é Político* é reconhecer sua força potencial, mas também compreender os impasses e dilemas nas formas de articulação nos meandros de relações muitas vezes desgastadas e desacreditadas entre artistas/artistas e artistas/gestões públicas. Acreditamos que toda forma de agrupamento significa no espaço público a busca de participação em um conflito de forças, aqui no campo da cultura. A atuação do *Movimento* evidencia a luta de coletivos artísticos por espaço na área dos investimentos em cultura, almejando atendimento de interesses próprios que ressoam de forma complexa no âmbito social, ou vice-versa. Entretanto, observamos que muitas vezes os discursos empreendidos no interior do *Movimento* desvela a visão de um único chafariz, o dos investimentos de Estado, e não procura atuar junto à iniciativa privada e em ações de empreendimentos artísticos construídos com as próprias inquietações, bolsos e esforços.

Acreditamos que o *Movimento Todo Teatro é Político* também deve vir a contemplar com mais ênfase e dedicação, em suas pautas de discussão e ação, a participação da sociedade civil e do capital privado no desenvolvimento do teatro local e regional. Outra questão que gostaríamos de destacar como de especial relevância no âmbito do *Movimento* é a carência de debates que possam contemplar uma autocrítica

da própria sociedade teatral, no que diz respeito à consciência e participação na luta política e na consideração do próprio fazer teatral e seu contexto sociocultural.

O teatro do Ceará constrói nos correntes dias a oportunidade de (re)escrever um (re)começar para a sua história, que pode vir a ser composta por diferentes mãos e lápis das mais variadas cores: sociedade teatral, Estado, empresas privadas, terceiro setor, entre outros agentes e recursos que reconheçam que a página da história não está em branco, tem suas rasuras e memórias. Interpretar o passado e compreender o presente é constituir com variadas influências um horizonte de expectativas para o fazer teatral cearense.

Referências bibliográficas:

- BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola. **Dictionary of theatre anthropology: the secret art of the performer**. 2ª Ed. New York: Routledge, 2006.
- _____. **A canoa de papel: tratado de antropologia teatral**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. **La tierra de cenizas y diamantes**. Barcelona: Octaedro, 2000.
- CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de. **O Estado e a participação conquistada no campo das políticas públicas para a cultura**. Em: CALABRE, Lia (org.), Políticas culturais: reflexões e ações. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009.
- COSTA, Marcelo Farias. **Teatro em primeiro plano**. Fortaleza: Grupo Balaio; Casa da Memória Equatorial, 2007.
- OLIVEIRA, Valéria Maria. **Eugênio Barba e o teatro de grupo**. s/d. Revista Antaprofana. Em: http://www.antaprofana.com.br/materia_atual.asp?mat=259. Acesso em: 28 fev. 2011.

Sítios eletrônicos referenciais:

- Ata da reunião do Movimento Todo Teatro é Político**, realizada no dia 04 de abril de 2001. Publicação interna através de grupo de e-mails: coopceteatro@yahoogrupos.com.br.
- Blog do Movimento Todo Teatro é Político – Pro-Cooperativa Cearense de Teatro**: <http://movimentocoopce.blogspot.com/>
- Cooperativa Baiana de Teatro**: <http://www.coopbaianadeteatro.blogspot.com>
- Cooperativa Paulista de Teatro**: <http://www.cooperativadeteatro.com.br/2010/>
- Jornal do Movimento Todo Teatro é Político**. Disponível em <http://www.youblisher.com/p/63553-Jornal-do-Movimento-Todo-Teatro-e-Politico-N-1-out-2010/>. Acesso em 7 jan. 2001.